



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LETÍCIA MIGUEL DOS SANTOS

**A ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DE ENSINO
FUNDAMENTAL: O CASO DE UMA ESCOLA URBANA DA REDE PÚBLICA
MUNICIPAL DE ALAGOA NOVA- PB**

CAMPINA GRANDE - PB

2015

LETÍCIA MIGUEL DOS SANTOS

**A ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DE ENSINO
FUNDAMENTAL: O CASO DE ESCOLA URBANA DA REDE PÚBLICA
MUNICIPAL DE ALAGOA NOVA- PB**

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de Geografia do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Geografia, sob orientação do Professor Doutor Paulo Sérgio Cunha Farias.

CAMPINA GRANDE – PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S237a

Santos, Leticia Miguel dos.

A alfabetização geográfica nos anos de ensino fundamental : o caso de escola urbana da rede pública municipal de Alagoa Nova - PB / Leticia Miguel dos Santos. – Campina Grande, 2015.

55 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias".

Referências.

1. Alfabetização Geográfica. 2. Séries Iniciais. 3. Professores. 4. Alunos. I. Farias, Paulo Sérgio Cunha. II. Título.

CDU 911(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

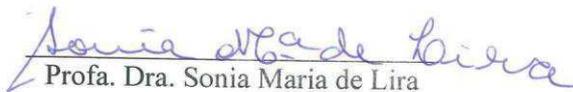
LETÍCIA MIGUEL DOS SANTOS

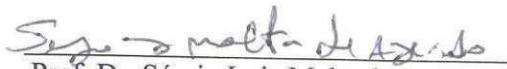
**A ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: O CASO DE UMA ESCOLA URBANA
DA REDE PÚBLICA DE ALAGOA NOVA-PB**

Aprovado em: 19 de março de 2015.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias
Orientador – UEd/UFCG


Profa. Dra. Sonia Maria de Lira
Examinadora – UAG/UFCG


Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo
Examinador – UAG/UFCG

Dedico aos maiores amores da minha vida, Hudo meu esposo, Victoria e Maria Clara minhas irmãs, ao meu filho (a) que levo em meu ventre e que me trouxe forças nestes últimos momentos na universidade e em especial aos meus pais, Sebastião Miguel e Leozita Santos, que me proporcionou um verdadeiro amor, me mostrando que o estudo é o único bem que posso possuir e que o amor e respeito ao próximo é o melhor exemplo de vida que eu posso deixar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que nunca me deixou desistir, ao longo desses cinco anos de UFCG.

A minha família, aos meus pais que sempre se mostraram orgulhosos em me ver estudando em uma universidade, que me apoiaram e me deram motivação para enfrentar todas as dificuldades.

Ao meu esposo, que sempre esteve ao meu lado, mesmo nos dias que não podia lhe dar atenção, devido aos intensos fins de semana de estudo. Que sempre que pedia para me levar à universidade, devido à falta de transporte público, nunca disse “não”, mesmo depois de um dia logo de trabalho.

Ao meu tio José Miguel e sua esposa Maria do Céu, pelo abrigo de sua casa durante os quatro primeiros anos de estudos.

A todos os professores que já passaram em minha vida, que sempre tiveram a dedicação na minha aprendizagem.

Aos professores do Curso de Geografia, que fazem parte da minha formação como profissional da educação.

Em especial a professora Sonia Maria de Lira, que ao conhecer minha ideia de pesquisa, acreditou que eu seria capaz e me deu motivação para seguir em frente.

Ao secretário da coordenação do curso Marcelo, que se mostrou solidário e receptivo sempre quando precisei estava a me ajudar, durante todo esse longo período de estudo.

E ao meu orientar Paulo Sérgio Cunha Farias, que acreditou, dedicou-se, ajudou-me e motivou em todo esse período de preparação para a conclusão dessa pesquisa. Incentivando-me a prosseguir mesmo quando eu achava que não seria capaz. Em todos os momentos, mostrou-me que eu poderia superar todas as minhas dificuldades, lhe agradeço de todo o meu coração.

“Estudar Geografia é basicamente ler o mundo e construir a cidadania”.

Helena Copetti Callai

RESUMO

O presente trabalho monográfico analisa o processo de alfabetização geográfica de alunos do 4º e 5º anos da Escola Municipal Santa Ana- Alagoa Nova-PB. Para seu desenvolvimento, fundamentou-se em pesquisas bibliográficas em autores do campo da Geografia e da Educação. Por outro lado, constituiu-se um estudo de caso que se baseou nos fundamentos da pesquisa qualitativa. Para obtenção dos dados empíricos, utilizou-se questionários; observações em in loco e aplicação de atividades-testes junto aos alunos das duas séries supracitadas. Foi possível comprovar que os professores que ensinam Geografia nessas séries de ensino do Fundamental I não demonstram clareza sobre a importância da alfabetização espacial. No que se refere aos alunos, evidenciou-se que pouco dominam as noções conceituais e procedimentais básicas que denotam a alfabetização geográfica nesse nível de ensino.

Palavras-chaves: alfabetização geográfica, séries iniciais, professores, alunos.

ABSTRACT

This monograph analyses the geographic literacy process in students from 4th and 5th grades in Escola Municipal Santa Ana – Alagoa Nova – PB. To its developments, it was based in bibliographical researches of authors from Geography and Educational field. On the other hand, it was constituted a case study that was based on the foundations of qualitative research. To obtain the empirical data, it was used questionnaires, in loco observations and the enforcement of activities-tests to the students from the both of the grades already mentioned. It was possible to prove that the geography teachers from these grades in elementary school are not clear about the spatial literacy. In what concerns the students, it was evident that few of them dominate the conceptual notions and the basic procedures that denote the geographic literacy in this level of teaching.

Key-words: geographic literacy, initial grades, teachers, students.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 01 – Atividade conceito de paisagem.....	41
FIGURA 02 - Atividade de orientação geográfica.....	42
FIGURA 03 - Atividade de região	44

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Rendimento de aprendizagem do exercício aplicado 4º ano.
.....47

GRÁFICO 2- Rendimento de aprendizagem do exercício aplicado 5º ano..... 47

GRÁFICO 3- Rendimento total de aprendizagem do exercício aplicado 4º e 5º ano..... 49

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	13
II O LUGAR DA GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: A ALFABETIZAÇÃO ESPACIAL.....	15
2.1 A alfabetização espacial	16
III A CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO ESPACIAL DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS.....	25
3.1 Alfabetização geográfica para os professores.....	26
3.2 A prática em sala de aula.....	29
3.3 trabalho de campo no ensino de geografia escolar	35
IV O NÍVEL DA ALFABETIZAÇÃO ESPACIAL DE CRIANÇAS DE 4º E 5º ANOS A PARTIR DE ATIVIDADES PROPOSTAS.....	38
4.1 Lições escolares, um auxílio na aprendizagem.....	38
4.2 O planejamento da atividade didática.....	39
4.3 Alfabetização espacial dos alunos a partir de algumas atividades propostas.....	40
4.4 Avaliação de exercícios.....	45
V CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
Referências	53
Anexo.....	55

I Introdução

O presente trabalho versa sobre a alfabetização geográfica nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tomando como objeto de investigação empírica o 4^o e o 5^o anos da escola Municipal Santa Ana do município de Alagoa Nova-PB. Escola que trabalha apenas com as séries iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, partimos das seguintes questões: o aluno dos anos iniciais é alfabetizado em geografia? O professor valoriza a alfabetização espacial nesse nível de ensino? Os alunos dominam noções conceituais e procedimentais básicas da geografia nos anos finais da primeira etapa do Ensino Fundamental?

Nossa investigação teve como objetivo geral analisar a prática do ensino de geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental da escola urbana da rede pública municipal de Alagoa Nova. Dentre os objetivos específicos, analisar a prática de ensino de Geografia do professor das séries iniciais; caracterizar as atividades de ensino aprendizagem de geografia observada nas séries iniciais de Ensino Fundamental; colher dados e informações sobre processo de alfabetização geográfica.

Esta pesquisa nasceu de nossas preocupações como professora do Ensino Fundamental II, quando percebemos que, ao tratar temas de que necessitavam de conhecimentos advindos dos anos Iniciais do Fundamental I, os alunos quase nunca demonstravam ter esses conhecimentos.

Para realizar a pesquisa nos utilizamos de alguns procedimentos de pesquisa comuns ao exercício do trabalho científico.

Primeiramente, realizamos uma pesquisa bibliográfica para nos fundamentar teoricamente e conhecer algumas discussões sobre o ensino de geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Por outro lado, a pesquisa se constitui como um estudo de caso, pelo fato de ter sido desenvolvida em apenas duas séries de uma escola da rede

municipal de Alagoa Nova-PB. Assim, não buscamos comparar ou generalizar o quadro observado nessas séries e a escola com as demais do município, mas sim se buscou compreender o desenvolvimento da alfabetização geográfica por parte dos professores das séries iniciais tendo como ponto de partida as séries e a escola escolhidas.

A pesquisa se constitui em uma abordagem qualitativa, na qual se buscou desenvolver conceitos e ideias sobre o desenvolvimento da alfabetização geográfica. Os dados foram colhidos através de entrevistas, baseadas em um questionário, que foram aplicados para as três profissionais da educação básica que atuam nas séries pesquisadas. Como técnica de coleta de dados, realizamos observações, no intuito de verificar o grau de compreensão das noções conceituais e procedimentais da geografia dos alunos e como os profissionais das séries os ensinam aos mesmos. Aplicamos, também, algumas atividades para os alunos, com essa aplicamos, intentamos verificar o domínio de noções conceituais e procedimentais básicas que denotam a alfabetização espacial.

A pesquisa esta estruturada em três capítulos e as considerações finais. O capítulo I trata do lugar da Geografia nos anos iniciais, ressaltando a importância da alfabetização espacial dos alunos nos anos iniciais. O capítulo II discute a concepção de alfabetização espacial dos professores das séries que foram objeto da pesquisa. Analisa, ainda, como eles lidam com os conteúdos geográficos e desenvolvem os mesmos em sala de aula; além de discutir quais as metodologias e os recursos didáticos utilizados com o propósito de alcançar a aprendizagem dos alunos. O capítulo III retrata o nível de alfabetização dos alunos do 4º e 5º anos em geografia. Nele, procuramos mostrar o desenvolvimento dos mesmos em atividades relacionadas a conceitos e procedimentos geográficos que evidenciam a alfabetização espacial, para isso, nos utilizamos de atividades/exercícios aplicados nas turmas objetos de nossa investigação, no intuito de analisar o desenvolvimento em relação aos conteúdos. Por fim, nas considerações finais, tecemos nossas conclusões sobre os resultados alcançados pela pesquisa.

II O LUGAR DA GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: A ALFABETIZAÇÃO ESPACIAL

Qual o lugar da Geografia na alfabetização de crianças nos primeiros anos do Ensino Fundamental? Qual a sua importância nessa etapa de escolarização formal? É possível incluir a alfabetização espacial em uma perspectiva de alfabetização ampla que contemple todas as possibilidades de desenvolvimento da capacidade de construção da articulação entre a leitura de mundo com a leitura da palavra? Tentaremos esboçar possíveis respostas ao longo dessa parte do nosso trabalho.

2.1 A ALFABETIZAÇÃO ESPACIAL

A Geografia tem um papel muito importante no meio escolar, com ela o ser humano pode construir uma visão crítica do seu espaço. Espaço esse que pode ser analisado de várias maneiras, o espaço vivido em casa, na escola, no lazer, no trabalho. Por isso, sua análise pode estabelecer uma visão múltipla do cotidiano. A escola tem uma forte responsabilidade de transformar pessoas em cidadãos e essa responsabilidade tem início nos anos iniciais de escolarização das crianças. E por que não mostrar a Geografia com um olhar mais aprofundado? Usar a alfabetização geográfica como um instrumento de sobrevivência, ensinar a criança a ler e a interpretar o mundo para nele se situar e viver com mais dignidade?

A Geografia tem um importante papel no processo de alfabetização das crianças em situação de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. No geral, essa importância não tem sido levada em consideração, uma vez que o conceito de alfabetização que perpassa esse nível de ensino é bastante reducionista. Além disso, conforme constata Castrogiovanni (2000, p. 11), a maioria dos professores que atua nesse nível de escolarização não foi alfabetizada em Geografia. Assim, essa disciplina é tão importante quanto qualquer outra a ser estudada, o que falta é uma bom domínio dos conceitos geográficos ao professor. Os conceitos da Geografia

são necessários ao trabalho do professor nas séries iniciais do Fundamental I que, bem formado, pode usá-los de uma maneira nova, interativa e que faça com que as crianças aprendam gostando dessa disciplina. É importante que a criança entenda e construa seu espaço geográfico, que compreenda que este ambiente é formado por variações de ações e objetos relacionados com uma diversidade de pessoas que formam a sociedade.

Segundo Castrogiovanni (2000, p. 7), a geografia escolar deve lidar com as representações da vida dos alunos, sendo necessário sobrepor o conhecimento do cotidiano aos conteúdos escolares. Portanto, podemos dizer que a realidade do aluno pode ser usada sim de uma forma positiva a favor de sua aprendizagem. Ele ainda acrescenta que é fundamental proporcionar situações de aprendizagem que valorizem as referências dos alunos quanto ao espaço vivido. E que no saber geográfico deve estar incluído conceitos como a localização, orientação, representação, paisagem, lugar e território e a cartografia, que instrumentaliza o aluno para ser um leitor e mapeador ativo. Podemos perceber então que o estudo detalhado de forma que interaja com a realidade conhecida pelo aluno, facilitará o domínio do mesmo do seu espaço, o qual ele conhece, constrói e reconstrói cotidianamente.

Portanto, nos anos iniciais do Fundamental I é interessante e proveitoso que o professor(a) estabeleça, em seu ensino em geografia, o espaço vivido pela criança, ou seja, o bairro, a cidade, a rua, a escola e sua casa, lugares estes que estão presentes em seu dia a dia. Nada mais interessante do que mostrar para ele detalhadamente o que já conhece ou pensa que conhece, ou seja, mostrar de uma nova maneira aquilo que já está presente em seu cotidiano. Mas também é positivo deixar que o aluno mostre, compartilhe todos os seus conhecimentos sobre o lugar, porque ele tem algo para mostrar do seu conhecimento. Então esse método de aceitar o que o aluno traz como experiência geográfica e ensinar o que ele ainda não conhece irá fazer com que o mesmo aprenda e goste de estudar o espaço vivido por ele e pela sociedade. Esse método de ensino apresentando a realidade do aluno, deixando que ele apresente seus próprios conhecimentos dentro da geografia escolar, deveria ser usado desde o início de vida escolar dos alunos, para que,

assim, ao modo que ele vai avançado, em seus estudos, não encontre dificuldades dentro do ensino de geografia em níveis posteriores de sua escolarização. Para Castrogiovanni (2000 p. 13), faz-se necessário que os professores criem condições de trabalho que favoreçam as diferentes estratégias cognitivas e ritmos de aprendizagem. Então, considerar o espaço vivido da criança é respeitar suas etapas cognitivas e seus ritmos de aprendizagem, notadamente nos primeiros anos da sua vida escolar.

A alfabetização geográfica para ser bem compreendida deve levar em consideração noções fundamentais de localização, construção, leitura, organização e representação, favorecendo a estruturação da sociedade que, ao construir elementos culturais, econômicos e políticos, acaba construído o espaço geográfico.

Castrogiovanni (2000 p. 11) afirma que:

o espaço é tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações. E, portanto, a compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural, assim como a apropriação da natureza por parte dos homens, deve fazer parte também dessa alfabetização.

Com isso, podemos compreender que vivenciamos a geografia constantemente em nossas vidas, em cada ação que praticamos e em cada percepção que construímos. O que podemos fazer para levar essas experiências para alfabetização no nível escolar inicial? Transmitindo da melhor maneira esses aspectos para as crianças, considerando suas realidades nas aulas e mostrando que elas fazem parte do espaço construído. Desse modo, a alfabetização geográfica se concretiza.

A história da geografia como disciplina escolar tem início no século XIX, quando foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico (CAVALCANTI, 1998). Segundo a referida autora (op. cit., p.9), a geografia até o final do século XX era essencialmente tradicional, baseava-se

no positivismo, era um ensino voltado às ideias nacionalistas, utilizava uma metodologia descritiva e pouco questionadora.

Desse modo, esse modelo de geografia, no Brasil, foi presente nas escolas até por volta do final da década de oitenta do século passado. Era muito descritiva e pouco questionadora para os alunos. Seus conteúdos eram bastante repetitivos, não tinha como objetivo fascinar o aluno para o conteúdo e a memorização era uma das suas maiores características. É muito comum encontrar pessoas que não gostam da disciplina, talvez um dos motivos seja por essa característica que ela ganhou ao longo da sua história como disciplina escolar, ou seja, uma disciplina sem atração, na qual o aluno tinha que memorizar os conteúdos sem referência com sua vida. Provavelmente, pelo mesmo motivo, alguns professores das séries iniciais não tenham tanta afinidade com a geografia, transformando-a em uma disciplina pouco atraente para seus alunos. Essa perspectiva de ensinar geografia sobrevive como rugosidades nos sistemas de ensino do Brasil até o presente.

A partir da década de setenta do século XX, o objetivo da disciplina geográfica é caracterizado pela função de transmitir dados e informações gerais sobre os territórios do mundo em geral e dos países em particular. Precisamente a partir dessa conotação é denotada a revisão das bases teóricas e metodológicas da ciência geográfica, com repercussões no ensino (CAVALCANTI, 1998), quando emerge a geografia crítica como paradigma dominante. Entretanto, sua aparição nos anos iniciais foi retardada e abortada com as reformas neoliberais da educação nacional na década de 1990, cuja expressão maior nessa disciplina foi a elaboração e divulgação dos PCN. Nesse contexto, houve prejuízos para a formação crítica dos educando nesse nível de ensino.

Segundo Callai (1991), a Geografia não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade. Principalmente nas séries iniciais, que é o período em que o aluno começa a relacionar o que vive no seu dia a dia com o que estuda na escola.

Diante desta afirmação feita por Callai, é possível dizer que é de extrema importância que se use a realidade do aluno, os conhecimentos prévios que ele já possui de uma maneira positiva para o ensino de geografia na escola.

Segundo Paulo Freire (2001, apud, Callai, 2005, p. 233), articular alfabetização e Geografia é refletir sobre o homem, a natureza, a cultura, a sociedade, é praticar uma “pedagogia da possibilidade”, fundada numa epistemologia situada entre a teoria e a realidade.

As reformulações do ensino da Geografia se deram através de críticas sobre duas correntes utilizadas na época: a Geografia Tradicional e a Geografia Quantitativa. Diante das críticas levantadas sobre as correntes do ensino da geografia surge uma nova visão dessa disciplina conhecida como Geografia Crítica e difundida no Brasil pelo geógrafo Milton Santos, entre outros (CAVALCANTI, 1998).

Callai (2005, p.227), citando Paulo Freire e Milton Santos, afirma:

A história não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social. (Milton Santos)

Há uma pedagogia indiscutível na materialidade do espaço. (Paulo Freire)

É por isso que, hoje, seja qual for a escala, o território constitui o melhor revelador de situações não apenas conjunturais, mas estruturais e de crise. (Milton Santos)

Para Callai (op. cit., p.229) é importante que se aprenda geografia nas séries iniciais do ensino fundamental a partir da leitura do mundo, da vida e do espaço vivido.

Diante disso, é importante levar em consideração que ajudar o aluno a interpretar e compreender o espaço vivido, ler as paisagens nele contidas, deixá-lo relatar de que maneira enxerga a espacialidade do mundo da vida, que ele entenda os aspectos naturais e humanos em interação é de uma

importância grandiosa para a alfabetização em Geografia, ou seja, a real leitura do mundo de sua vivência.

O papel da geografia nesse nível do ensino e a necessidade de se iniciar, nessa fase, um processo de alfabetização cartográfica também não podem ser tratados como de menor importância. Considera também os conteúdos da geografia presentes nos currículos escolares como uma das maneiras de contribuir na alfabetização da criança. Tendo em vista esse objetivo, discute as exigências teóricas e metodológicas da geografia para referenciar o ensino e a aprendizagem (CALLAI,2005).

É importante mostrar que o ensino de Geografia nos anos iniciais tem sair do princípio da memorização, da ideia de que aprender geografia é decorar ou memorizar todos os estados e suas capitais, ou qualquer saber enciclopédico de fragmentos da natureza ou da sociedade, como se isso fosse o único papel da Geografia, a questão mais importante da disciplina. A compreensão do mundo pelo aluno, do seu espaço, no início da sua vida escolar, fará com que ele tenha maiores facilidades de interpretação do espaço geográfico no decorrer de sua vida. Portanto, a base do conhecimento geográfico tem que ser construído nos anos iniciais. Sendo assim, uma espécie de alicerce para as series futuras.

Para Callai, 2005, a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania.

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005, p. 105-106).

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola. (CALLAI,2005)

Os professores das series iniciais deveriam levar a Geografia para a sala de aula como uma maneira de visão, de leitura, de interpretação do espaço geográfico, mostrar ao aluno que a Geografia tem possibilidade de revelar a relação do individuo com o todo.

Assim, cabe ao professor encontrar novas maneiras, novas alternativas que tragam uma mudança em suas práticas em sala de aula. Portanto, enfatizar a importância dos conceitos que são estudados nas séries iniciais, tentando assim unir o que está sendo estudado na sala de aula com a realidade do aluno, ou seja, o que ele observa fora da aula. O termo “observar” deveria ser mais usado e explicado para que assim o aluno entenda como é importante a observação.

Desse modo,

Nosso desafio é buscar soluções para os problemas que enfrentamos na educação, na sala de aula, na escola. Sem o compromisso de refletir sobre nossa própria prática não creio ser possível crescer com competência técnica e política. Estudar é fundamental (KAERCHER, 2003, p. 143).

Segundo Callai (2003), este é o desafio que temos: fazer da Geografia uma disciplina interessante, que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações que pareçam distantes da realidade e na qual se possa compreender o espaço construído pela sociedade, como resultado da interligação entre o espaço natural, com todas suas regras e leis, com o espaço transformado constantemente pelo homem.

Vesentini afirma:

Não há nenhuma dúvida de que um sistema escolar renovado e apropriado aos desafios do século XXI deve levar em conta a “compreensão do espaço/tempo”, a valorização das escalas global e local, a expansão dos direitos humanos, a necessidade do educando de aprender a conviver com os “outros” e a questão ambiental (VESENTINI, 2004, p. 9 *apud* SANTOS, 2012, p.22).

Segundo Rigonato (2007, p. 2), o ensino de Geografia nas séries iniciais precisa interpretar e problematizar os fenômenos espaço-temporal na perspectiva de propiciar ao educando conhecer, desenvolver o espírito investigativo e, também, estabelecer sua comunicação corporal, afetiva e social com os elementos do espaço geográfico.

Para Callai (1999, *apud* RIGONATO, 2007, p. 2), primeiro é preciso possuir clareza do por quê estudar Geografia. Segundo ela, há duas razões para ensinar essa disciplina na sociedade contemporânea: “conhecer o mundo e obter informações; conhecer o espaço produzido pelo homem e contribuir na formação do cidadão”. Mas uma vez voltamos à questão que é preciso ensinar desde as series iniciais as questões relativas à compreensão no espaço.

O ensino tem como objetivo orientar a formação do cidadão, mesmo diante de grandes desafios tanto para o professor quanto para o aluno.

Cavalcanti afirma que:

Não basta, portanto, aos que se dedicam à docência e à investigação de questões relacionadas com o saber geográfico escolar, o domínio de conteúdos e métodos da ciência geográfica. É preciso que se considere, além disso, a relação entre essa ciência e sua organização para o ensino, incluindo aí a aprendizagem dos alunos conforme suas características físicas, afetivas, intelectuais, socioculturais (CAVALCANTI, 1998, p. 10).

Para Straforini (2004, p. 57), é dessa forma que o educador e o educando podem obter o esclarecimento e criar inquietações para a conquista de outra possibilidade de existência humana.

Sobre a alfabetização nas séries iniciais, Callai (1999, p. 65) especifica que se não levarmos esses pressupostos acima explicitados em consideração, “a compreensão da alfabetização como capacidade de leitura não só do texto, mas também da experiência humana vivida por todos, cotidianamente, e de escritura, igualmente não só do texto, mas também como construção da própria história, não ocorre”.

Por outro lado, Araújo esclarece que:

A educação geográfica proporciona ao estudante a compreensão de mundo tendo-se como escala uma perspectiva global, mas também representa uma possibilidade de compreender o seu entorno, o seu local de moradia, as relações que se estabelecem entre o global e o local e vice-versa. (ARAÚJO, 2009, p 10. *apud SILVA, 2010, p. 14*)

Diante desta afirmação do autor acima citado, fica bem claro que a Geografia possibilita a compreensão dos acontecimentos globais, não só os mais distantes, como também os mais próximos da nossa vivência. A geografia quando bem estudada e interpretada estabelece um elo entre a realidade vivida e o que é estudado em sala de aula, porém, para que isso aconteça, é importante que os professores das series iniciais trabalhem de melhor maneira o conteúdo geográfico.

A escola deve ser um lugar onde professores e alunos se relacionam entre si e constroem conhecimentos, além de tudo tem que ser um espaço de formação, o que nela é ensinado deve ajudar o aluno no seu cotidiano, ou seja, o conhecimento dos alunos, as questões culturais, sociais, políticas locais, além de possibilidade de ajudar ao aluno a compreender ações sociais, culturais, econômicos fora do seu contexto, fazendo assim que o mesmo consiga interpretar todo um espaço social.

Finalmente, para Farias (2014, p. 86), ensinar Geografia é possibilitar as condições necessárias para que a criança construa um novo modo de compreender cientificamente o mundo. Sendo assim, a Geografia deixa de ser uma simples disciplina escolar e passa a ser um elemento de complementação da compreensão social do mundo da vida (o espaço vivido). Mas, como os professores na Escola Municipal Santa Ana, que lecionam no quarto e quinto anos e compuseram a amostra da nossa pesquisa entendem por alfabetização espacial.

III A CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO ESPACIAL DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS

A alfabetização é um processo desenvolvido nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Portanto, o lugar da alfabetização é a escola, espaço onde o educando passa a ter orientações com o professor e este passa a ter a preocupação de ensinar desde as letras do alfabeto, a escrita e leitura. Porém, o processo de alfabetização vai além, ou seja, está em constante crescimento, o contar dos números, a leitura e descrição de uma imagem, de uma paisagem, a interpretação de um texto e a maneira de se expressar, fazem parte do desenvolvimento da aprendizagem do educando, proporcionando-lhe uma maior confiança e interesse em conhecer novos assuntos.

É perceptivo que as crianças que estudam nas séries iniciais têm preferência por alguma disciplina em especial e levam este pensamento por toda vida. Isto acontece devido não terem uma afinidade e identificação por aquela, que diz menos gostar, uma vez que não é incentivado a se interessar por ela. Quando a disciplina não oferece opções atrativas a qual chame a atenção do aluno, fazendo com que ele realmente queira participar das aulas, acaba acarretando que ele estude apenas por obrigação e isto é desmotivador para aquele que estuda.

O desenvolvimento da aula, o preparo do professor, a maneira como administra a disciplina, como ministra o assunto, escolhe os materiais pedagógicos, entre outros fatores, têm uma grande responsabilidade pelo interesse do aluno. É necessário que o professor tenha um aprofundamento teórico e metodológico daquilo que ele ensina. Tem que mostrar conhecimento sobre aquilo que leciona, além de promover atividades diferentes.

A Geografia tem por objetivo demonstrar as relações existentes da sociedade com a natureza, e o professor tem essa obrigação em ensinar geografia, mostrar ao seu alunado que ele faz parte do meio geográfico. Isto é o que falta hoje em dia nas salas de aula, uma prática de realidade onde os alunos compreendam de maneira simples e real o que se estuda em nessa

disciplina e o que isso significa na realidade, tanto para eles quanto para a sociedade.

Neste capítulo será discutido a concepção de alfabetização geográfica do professor, no intuito de mostrar o que o mesmo define, conhece e compreende sobre o ensino de geografia nas séries iniciais, de que maneira planeja as aulas, quais os objetivos dessas aulas, como é que trabalha a realidade do aluno na disciplina? Para a coleta dessas informações foi feito o levantamento, através de entrevistas com alguns dos professores dos anos iniciais do Fundamental I da Rede Municipal de Ensino de Alagoa Nova- PB. Foram entrevistados três professores, que serão identificaremos através das siglas P1¹, P2² e P3³. Todos os três professores são do sexo feminino; P1 com dois anos de profissão; P2 com oito anos e P3 com quase dezoito anos. O objetivo destas entrevistas foi entender o que cada professor entende sobre alfabetização geográfica.

3.2 ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA PARA OS PROFESSORES

De acordo com Silva,

A Geografia possui um papel importante na formação do aluno crítico, contribuindo para que ele consiga pensar o espaço de uma maneira mais profunda, conseguindo enxergar além do que seus olhos lhe mostram e, dessa forma, atuar nele de forma mais eficiente e consciente (SILVA, 2010, p.42).

O professor deve saber como a criança constrói seu conhecimento, saber que para alfabetizar ele precisa refletir sobre a realidade da vida.

¹ Formação acadêmica em Pedagogia – Universidade Estadual da Paraíba.

² Formação acadêmica em Pedagogia – Universidade Estadual da Paraíba.

³ Formação acadêmica em Pedagogia – Universidade Estadual da Paraíba.

Ao questionar os professores entrevistados o motivo pelo qual escolheram a profissão, diante da realidade vivenciada no contexto social atual enfrentada pelos mesmos, obtivemos respostas bem semelhantes dos três entrevistados. Para eles, o “interesse de fazer parte da construção dos saberes da criança e quando levado em consideração a atenção, respeito e carinho recebido pelos seus alunos, o trabalho se torna muito mais fácil, apesar das dificuldades”.

Questionamos sobre a didática usada em sala de aula, de que maneira eles buscam a atenção de seus alunos para o desenvolvimento das aulas, obtivemos as seguintes respostas: O P1 relatou que propõe sempre discussões que tragam o aluno para participar e sempre aproveita o máximo daquilo que é dito. O P2 gosta de elaborar atividades que façam o aluno mostrar suas capacidades. O P3 disse que utiliza muito os atrativos que o livro didático adotado pela escola possui, no intuito do aluno desenvolver sua prática de leitura.

Ao questionarmos os mesmos sobre o ensino da geografia nas séries iniciais, surgiu certo silêncio, como se a resposta estivesse sendo elaborada. Finalmente o P3 respondeu:

Minhas aulas eu elaboro diante da realidade da turma e pela sua necessidade, é muito diferente aula de Português para a de Geografia, no Português eu tenho que ensinar a ler e a escrever, já em Geografia eu ensino a localização, as ruas e isto eu posso ensinar de uma forma bem simples sem a necessidade de tanta preparação.

Diante dessa resposta é possível dizer que a geografia é considerada um conhecimento menor e para lecioná-la o professor não necessita planejar. Entretanto, consideramos que ela não pode ser olhada como se fosse uma disciplina menos importante que qualquer outra. É no seu ensino que se aprende a ter noção do espaço, a conhecer os elementos da natureza, a relação do homem/espaço geográfico, com a política e a econômica, além de outros temas que a geografia também trata. A alfabetização geográfica é uma base que primeiro tem que ser formada pelo professor, não tem como se

ensinar algo que você mesmo não conhece, não tem domínio e não dá a devida importância. Sabemos que nas salas de aulas das escolas públicas há uma grande concentração de alunos e, portanto, o professor tem muitas dificuldades de atender às necessidades individuais, por isso que é importante o planejamento das aulas, abordando metodologias que proporcionem uma melhor interação e aprendizagem dos alunos, especialmente em Geografia.

O professor tem que encontrar uma maneira para inovar as suas aulas para que os alunos se sintam estimulados e saiam da classe reconhecendo a geografia. O primeiro a se fazer é o professor pedagogo perceber que o estudo de assuntos com bairro, cidade e campo, localização usando os pontos cardeais, não pode ser limitado, que estes assuntos têm que ser estudados evitando esquemas mnemônicos, mecânicos e enciclopédicos, mas que possibilite se tornar o mais próximo do aluno. A geografia é vista pelos alunos das séries iniciais como algo distante deles, que não sabem como usar e aplicar os seus saberes ao seu favor.

O responsável pela sala de aula, nesse caso, o professor, tem que saber ensinar geografia, mostrando para seus alunos a necessidade e a importância da mesma. Afinal, nossa existência, nossa identidade se dá no espaço de vivência.

Ao analisar a visão do professor das séries iniciais sobre a organização do processo ensino/aprendizagem em geografia é essencial destacar que eles não trabalham com objetivos claros a relação que a criança tem com a natureza e com o seu espaço vivido.

Ao questionarmos sobre a importância de alfabetizar geograficamente a criança, pudemos perceber uma incerteza por parte das professoras e as respostas não mostraram coerência com a pergunta. Sucintamente, enfatizaram muito a questão de o aluno conhecer o país que mora, o seu lugar vivido etc.

E ao questionarmos sobre de que maneira consiste a aplicação destes assuntos no dia a dia escolar, uma vez que o professor deve priorizar o conhecimento prévio do aluno e assim fazer relações com os conhecimentos geográficos, o P2 relatou:

É muito importante alfabetizar geograficamente a criança para ela conhecer o lugar que ela vive a geografia não é só uma disciplina, usamos ela diariamente, mas é difícil achar uma maneira diferenciada de ensinar aos alunos, eles não tem mais o interesse pela escola e isso dificulta nosso trabalho.

O professor não pode colocar as dificuldades que a escola apresenta para justificar os problemas para se lecionar a geografia. Afinal, esses problemas não se manifestam exclusivamente na aula dessa matéria, mas são comuns nas demais. O desinteresse reside só no aluno? Não seria possível organizar seu ensino como se faz com a Língua Portuguesa? Afinal, é muito visto a prática da leitura e da escrita pelos professores, porém, há várias maneiras de se usar estes dois elementos.

Segundo Callai:

Ler a paisagem, ler o mundo da vida, ler o espaço construído. (...) é isto que se espera da Geografia no mundo atual. A leitura do espaço, entendido como uma construção humana permite que o aluno compreenda a realidade social. (In: REGO, 2003, P. 60-61).

Isto é alfabetização geográfica, o conhecimento do espaço geográfico em diferentes dimensões. Portanto, cabe ao professor levar isso em consideração em sala de aula. Assim, abre-se a oportunidade de se promover uma leitura mais rica do mundo da vida, através da articulação entre a palavra e o mundo, *palavramundo*, carregada de todo o seu teor geográfico. (FARIAS, 2014).

3.2 A PRÁTICA EM SALA DE AULA

Quando se discute a precariedade do ensino de geografia nas séries iniciais é bastante comum justificar o fraco desempenho dos seus professores e o desinteresse dos alunos pela disciplina ao fato de que muitos dos docentes que atuam nesse nível de ensino não são licenciados na disciplina. Porém, eles têm um preparo acadêmico quando cursam Pedagogia. Curso esse que lhes dá o título de pedagogo. Se o professor está preparado para ingressar na sua vida profissional, o que dificulta a habilidade dele em ensinar geografia? Talvez seja a pouca importância dada aos objetivos da disciplina, mas, cabe ao pedagogo buscar redefinir sua ideia do que seja alfabetização e descobrir a importância e a força alfabetizadora da geografia. Por outro lado, é preciso buscar novas maneiras de ensinar, primeiramente o próprio professor tem que ter o interesse de se alfabetizar geograficamente continuamente e, desta maneira, desfazer todas suas dúvidas e dificuldades acerca dessa disciplina. Tomando ciência das suas dificuldades, ele pode superá-las e a partir daí observar e refazer suas aulas da melhor maneira para não complicar o entendimento de seus alunos.

Para melhor entender o andamento de uma aula de geografia fizemos algumas observações em salas de 5º e 4º anos e para auxiliar nesta orientação foi necessário organizar um roteiro de observação (segue seu modelo no apêndice deste trabalho). Este roteiro de perguntas nos ajudou muito na compreensão das aulas de geografia nas séries iniciais e a confirmar algumas interrogações que orientaram essa pesquisa.

De fato, os conteúdos geográficos não são totalmente explorados e as crianças não conseguem compreender facilmente o que os professores explicam. Observamos aulas diretas, sem uso mapas ou imagens que prendessem a atenção do aluno. As aulas são muito monótonas e muitas vezes os temas abordados são pouco explicados, as questões são simples e o aluno dá respostas diretas, ou seja, a famosa decoreba. Como sabemos, esse método não estimula o aluno a se interessar pela matéria. O interesse do

alunado não ficou evidente. Logo, as aulas são após o intervalo e as crianças já estão cansadas, querendo ir para casa e sem motivação alguma em sala de aula.

O objetivo ao observar as aulas foi o de percebermos como os professores ministravam as mesmas, a partir de suas práticas concretas e cotidianas em sala de aula, poderíamos não só observar o modo de fazer a geografia escolar, como também perceber a maneira de como é aplicada e usada à geografia crítica, proporcionando assim uma maneira do alunado se comportar em diferentes situações no espaço geográfico. Criamos um quadro de desempenho para os professores do Fundamental I, em relação ao seu comportamento didático em sala nas aulas de geografia. Segue o quadro abaixo:

Prof.	Uso do mapa	Uso do Livro didático, relação professor	Uso do quadro
P1	Quase não usou. Usou uma única vez em uma aula de regiões. Foi mostrado rapidamente.	Frequente. Muitas vezes há uma dependência total.	Pouco usado.
P2	Nunca usou, mesmo quando o assunto o requer.	Não usa com os alunos. Textos sem as fontes ditados são de outros livros que o aluno não dispõe.	Em cerca de metade das aulas ele é preenchido, não dá tempo de explicar. É como se fosse uma maneira de gastar o tempo que resta.
P3	Raro e mostrado rapidamente.	Usa com bastante frequência e esta sempre olhando para explicar suas aulas.	Quase não usa, só para mandar atividade para casa e é muito organizado.

Quadro1: Recursos didáticos usada nas aulas de geografia

Ao analisar este quadro, percebemos que os professores, independente de serem jovens na profissão, usam frequentemente o livro didático como material de apoio e isso não é, por se só, tão ruim, se for usado apenas como material de apoio. Mas, quando é usado exclusivamente, torna-se um definidor do currículo.

Procuramos saber o porquê de não se usar de outros recursos pedagógicos para mediar a aprendizagem dos alunos.

Ao questionarmos sobre o porquê dos professores não usarem mapas em sala de aula as respostas foram basicamente às mesmas. Foi citado que nem sempre o mapa é importante, pois na aula os conteúdos se baseiam em textos ou tarefas que o dispensam. Nas salas de aula foram percebidos poucos elementos geográficos. Quando o mapa aparece é levado para a sala e pendurado, é muito comum ele não ser usado e quando o é, geralmente é apenas para apontar uma região. É muito mais um objeto de decoração do que didático.

Segunda P3 o mapa em sala de aula estimula o aluno a perguntar. Porém, de que maneira o aluno pode ser estimulado a perguntar algo em relação ao mapa se o mesmo não é usado? A falta de preparação dos professores em ensinar geografia acaba, de certa maneira, dificultando a aprendizagem dos alunos. Eles acabam enxergando a disciplina apenas como objeto de estudo em sala de aula e não como algo que podem usar no seu cotidiano fora da escola. Enquanto o professor não se identificar melhor com este recurso didático, dificilmente ele conseguirá explorá-lo como uma linguagem rica em significados.

Este dilema da má alfabetização geográfica não fica apenas nas séries iniciais, o aluno, de certa maneira, leva esta dificuldade de compreensão à geografia para os anos escolares seguintes e, assim, permanece a situação de enxergá-la apenas como um componente escolar.

É necessário que os professores tenham a preocupação de melhorar suas dinâmicas em aula. Para isso, é necessário mais compromisso e confiança na sua prática docente em geografia. Estimular o aluno a gostar de uma disciplina, independente das notas ou até mesmo pelo fato do aluno não gostar, é muito válido. Proporcionar e ajudar os educandos a obter novos conhecimentos e a reformar os que já existem, são condições para que eles se tornem cidadãos críticos e de forte opinião. O professor tem o papel de alfabetizador, independente da série que ensine ou para quem ensine nos anos iniciais, é preciso lembrar que nesse estágio da escolaridade, 'o professor é alfabetizador'. Esse, quando alfabetizado em geografia, vai conhecer não só os conceitos geográficos, mas também a maneira de relacioná-los entre si e com a vida cotidiana dos seus alunos, saberá a melhor maneira de usá-los em sala de aula, a melhor explicação, os melhores métodos didáticos, os melhores exemplos, no objetivo de facilitar a compreensão de seus alunos.

Um elemento pouco discutido nas aulas de geografia nas séries iniciais são os desenhos que exploram o pensamento geográfico de cada aluno. Sabendo que geografia é uma ciência que trabalha com diferentes recortes do espaço e tempo, esse recorte pode ser de um lugar ou de um conjunto de lugares que precisam ser analisados, explicados e compreendidos no presente. O professor pedagogo poderia elaborar aulas com atrativos que explorem o pensamento do aluno. Uma atividade muito produtiva, que tanto ressalta o espaço geográfico, a cartografia e o desenho, é a atividade de campo ao redor da escola ou dentro da própria escola. Para os alunos isso se tornaria algo diferente e divertido, proporcionando-lhes assim sua maior atenção, além de possibilitar que o professor elabore diversas modalidades de atividades voltadas para a experiência adquirida pelo aluno. Isso pode produzir uma maior confiança para aquele que ensina, além de uma ligação muito positiva entre o saber experiencial do aluno e o saber veiculado pela escola.

Um dos assuntos abordados nas séries iniciais é a relação campo/cidade, assunto este que possibilita diferentes maneiras de se trabalhar, sem ser necessariamente usando sempre o livro didático. É importante o professor

destacar para seus alunos as transformações que acontece no espaço em que eles vivem. Trabalhar com fotografia ao abordar esse assunto pode estimular a curiosidade do aluno em observar as transformações no espaço geográfico. Um dos grandes problemas que os pedagogos enfrentam ao ensinar geografia é que eles não sabem de que maneira trazer a ciência geográfica para a realidade em sala, não se adianta ler e explicar todo um livro de geografia, dar de conta de todo o conteúdo, de todo o plano de aula, se, no final, o aluno não terá compreendido absolutamente nada ou parcialmente os assuntos tratados na aula, isto só ira proporcionar, ao mesmo, dificuldades de compreensão de outros futuros assuntos geográficos, além de fantasiar na geografia como um “bicho de sete cabeças”. Nós professores, de uma forma geral, temos que proporcionar ao nosso público, ou seja, aos nossos alunos, a melhor maneira de interagir com a escola e possibilitar o interesse dele pelos estudos.

Segundo Santos, (2002, p. 200)

A percepção visual é um processo mental, não sendo apenas um componente secundário dos processos cognitivos. As imagens que são produzidas pela percepção visual não são apenas vicariantes. Elas têm uma evolução própria, porém, ao mesmo tempo, interdependentes dos demais processos cognitivos em um meio natural preciso e em um meio cultural determinado.

É possível compreender que a geografia tem “o espaço, o mundo, o planeta, a superfície terrestre” como seus instrumentos de análise da realidade, o professor pode utilizá-los em suas aulas, afinal, nele se habita, porém, os recursos didáticos são essenciais para levar o aprendizado aos alunos (SILVA, 2010). Ao ministrar as aulas de geografia, o professor deve ter como objetivo principal a aprendizagem e compreensão do alunado, só assim formará pessoas críticas. O diferencial pode proporcionar grandes resultados e estes ocasionar positivas conquistas na aprendizagem.

Segundo Santos (2002, p. 203)

(...) diante da paisagem urbana, um ambiente diferente da sala de aula, os alunos ficam mais à vontade para expor suas ideias e suas experiências. Entretanto, os alunos carregam para esse ambiente o conteúdo de dentro da sala de aula, ou seja, os conceitos científicos.

Portanto, o trabalho de campo é de fundamental importância para abordar temas como cidade/campo nas aulas de geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

3.3 TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR

O trabalho de campo é uma metodologia de ensino conhecida e, ao mesmo tempo, precioso recurso para ação pedagógica, particularmente na disciplina de geografia. Ele também recebe outras denominações pela geografia como: estudo do meio, visita ao campo ou aula de campo. Esta atividade pedagógica tem por finalidade proporcionar diferentes visões no contexto geográfico, estas atividades possibilitam o ensino e a pesquisa, uma vez que pode proporcionar aos professores e alunos pesquisar e analisar os dados colhidos.

Nas séries iniciais o trabalho de campo é uma ferramenta que leva o aluno a fazer suas primeiras comparações, quando o aluno conhece um lugar novo ou observa de outra maneira um lugar que já conhece, se torna mais fácil para ele compreender o que é dito em sala, uma vez que o professor não irá só explicar, mais sim conhecer na prática.

Para uma realização positiva esta atividade tem que ter um objetivo, ou seja, uma finalidade. Como afirma Baitz (2006 *apud* Silva, 2010), “ir ao campo e “senti-lo” tornava mais complexa e completa a pesquisa, além de suscitar questões ofuscadas até então”.

Para Silva (2010, p. 41), é um movimento positivo de retomada de uma tradicional ferramenta da Geografia utilizada atualmente como forma de conciliar a prática com a teoria, independentemente do método escolhido para realizar a atividade de campo.

Ao analisar as práticas adotadas pelos professores que tivemos a possibilidade de entrevistar e observar, ficou evidente que a atividade de campo não é uma prática usada nas aulas. Os mesmos afirmaram, equivocadamente, que não competem as séries iniciais trabalhar com esse tipo de atividade, que gasta um muito tempo, tempo esse que pode ser aproveitado em sala, com aulas expositivas e dialogadas. Porém, vale salientar que é impossível se abordar o espaço vivido do aluno nesse nível de ensino, suas composições rurais e urbanas, sem um estudo de campo. Por outro lado, nenhuma atividade que é bem sucedida é um gasto de tempo, o sucesso dela dependerá do compromisso do educador, dos objetivos que estabelece para seu ensino. Além disso, a imagem do diferente, do sair da rotina, faz com que a criança queira participar e no momento da discussão em sala de aula sobre terá vez e voz para falar sobre o seu cotidiano de maneira participativa e produtiva. Sedo assim, o estudo de campo como ferramenta de alfabetização geográfica é uma metodologia imprescindível para enriquecer as práticas pedagógicas do professor e a aprendizagem significativa dos alunos.

Por fim, embora considerem o espaço vivido dos alunos como escala de estudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os professores entrevistados não deixaram claro o que entende e qual a importância da alfabetização espacial nesse nível de ensino. Por outro lado, ao privilegiarem o livro didático como instrumento de acesso aos saber dos seus alunos, pouco utilizam outros instrumentos capazes de facilitar essa alfabetização. Além disso, aos se privilegiar esse recurso nas aulas terminam falando de escalas como a rua, o bairro, a cidade e o município a partir de textos que não se referem ao espaço de Alagoa Nova. Portanto, embora falem do contexto espacial mais próximo do aluno, acabam tornando-o distante, já que não o abordam a partir das

experiências dos alunos, mas de um produto elaborado pelo mercado editorial do Centro-Sul. Em virtude disso, nossa pesquisa procurou, junto aos alunos, a partir de atividades elementares, avaliar o nível de domínio de noções conceituais básicas e algumas habilidades que denotam a alfabetização espacial nos anos iniciais do Ensino Fundamental, conforme se pode perceber no próximo capítulo.

IV O NÍVEL DA ALFABETIZAÇÃO ESPACIAL DE CRIANÇAS DE 4º E 5º ANOS APARTIR DE ATIVIDADES PROPOSTAS

Todo profissional que atua na área da educação deve ter em mente o quanto às atividades que o aluno leva para casa e ou que são feitas em sala de aula são de grande validade para o processo de aprendizagem em Geografia. Partindo desse pressuposto, surge então a necessidade de repensar, enquanto educador, na questão das lições, bem como a forma que o aluno está sendo orientado nas realizações de tais atividades, tendo em vista perceber se dominam algumas noções conceituais básicas e algumas habilidades que denotam a alfabetização espacial.

4.1 LIÇÕES ESCOLARES, UM AUXÍLIO NA APRENDIZAGEM

Ao se aplicar um conteúdo devemos observar as dificuldades que os alunos apresentam durante o momento da explicação, de forma que o professor, ao elaborar as atividades, deverá ter como conteúdo o necessário para que seus alunos compreendam, com clareza, a temática que se deseja tratar. As atividades de geografia têm por objetivo ajudar o aluno a compreender seus conceitos como espaço geográfico, território, lugar, paisagem e região, além de utilizar esses conceitos para auxiliar a compreensão do espaço em que o aluno vive em conjunto com a sociedade.

No 4º e 5º anos do Fundamental I é necessário que o professor planeje atividades claras e objetivas, que faça com que o aluno se interesse pelo assunto estudado. São estas atividades que vão mostrar se o aluno compreendeu ou se ainda permanece com dificuldades no assunto estudado. Dessa forma, o professor poderá avaliar em que ponto ele deve fazer uma nova explicação, possibilitando a aprendizagem do educando. O professor deve acompanhar esse processo de aprendizagem referente às atividades, pois essas mostram o quanto é o grau de dificuldades enfrentado pelos alunos referente aos seus estudos e, no geral, explicita a sua alfabetização espacial.

O ideal é que as estratégias sejam bem definidas, tornando os alunos capazes de se apropriar de noções conceituais, habilidades e atitudes que explicitam a aprendizagem em geografia. Dessa maneira, devemos consolidar os conteúdos apresentados em classe, de forma que os alunos tenham um bom desempenho na evolução da aprendizagem nessa matéria e alcancem a alfabetização espacial. Ressalta-se que o professor, ao elaborar suas atividades, deve construí-las no sentido de criar estratégias e objetivos que irão propiciar um melhor aprendizado para o aluno.

O professor pode e deve orientar seus alunos, ensinando-lhes qual a melhor forma de estudar no ambiente da escola e de casa, atingindo os reais objetivos que são propostos de acordo com cada atividade. O ideal é que, ao iniciar a construção das atividades escolares, tenha como ponto de partida o planejamento. As atividades devem ser desafiadoras, porém, compreensíveis aos alunos, os conteúdos pedagógicos devem ser bem definidos de forma que as estratégias sejam bem específicas. As lições educacionais têm como objetivo real o desenvolvimento do aluno no processo educacional em geografia.

4.2 O PLANEJAMENTO DA ATIVIDADE DIDÁTICA

O planejamento é uma necessidade constante. É analisar uma realidade e prever as formas alternativas da ação para superar as dificuldades ou alcançar os objetivos desejados. Consiste em prever e decidir sobre o que pretendemos realizar; o que vamos fazer; como vamos fazer; o que e como devemos analisar a situação, a fim de verificar se o que pretendemos foi atingido. (SANTOS, 2012, p. 35).

Quando falamos em planejar o ensino ou a ação didática, estamos prevendo as ações e os procedimentos que o professor vai realizar junto a seus alunos, e a organização das atividades discentes e da experiência de aprendizagem, visando atingir os objetivos educacionais estabelecidos. Nesse sentido, o planejamento de ensino torna-se a operacionalização do currículo

escolar. O planejamento didático também é um processo que envolve operações mentais, como: analisar, pensar, definir, selecionar, estruturar, achar formas de agir e organizar. O plano didático assume a forma de um documento escrito, pois é o registro das conclusões do processo de previsão das atividades docentes e discentes. (CALLAI, 2005)

É importante ter consciência que o plano de aula é um roteiro, um instrumento de referência e esquemático, algo tradicional, com regras a ser seguidas, como objetivo, cronograma, conteúdo, tema etc. Compete ao professor que o organizou dar-lhe vida, ação e colorido na prática de sua execução, expondo sua personalidade e entusiasmo, enriquecendo-o com sua habilidade e expressividade. Isso contribui bastante para o desenvolvimento de uma boa aula e conseqüentemente um bom exercício escolar, o aluno se sente motivado a participar das práticas pedagógicas escolares quando as mesmas saem da rotina notória e passa ter um desenvolvimento mais interativo. É justamente essa interação que falta ser colocadas em ação nos planejamentos escolares. Levando isso em consideração e tendo o objeto de pesquisa como foco, planejamos algumas atividades simples, que visaram analisar o nível de alfabetização espacial dos alunos nas séries dos anos iniciais do Ensino Fundamental objeto de nosso estudo.

4.3 ALFABETIZAÇÃO ESPACIAL DOS ALUNOS APARTIR DE ALGUMAS ATIVIDADES PROPOSTAS

Para fazer uma análise da aprendizagem geográfica por partes dos alunos do 4º e 5º anos do Fundamental I, ou seja, a alfabetização espacial deles foi necessário à elaboração e aplicação de algumas atividades de Geografia junto aos mesmos. A atividade consistiu em conteúdos relacionados com temas fundamentais como paisagem, região, lugar e orientação. Foi aplicada para duas turmas, sendo uma de 4º ano, com 21 alunos, e uma turma de 5º ano, com 24 alunos. Foram elaboradas de forma elementar devido ao curto tempo que nos foi dado para intervir na escola, já que a nossa

intervenção aconteceu no final do ano letivo de 2014. Contudo, as atividades auxiliaram ao analisar o domínio da turma com alfabetização espacial.

- *Paisagem*

Segundo Callai (2000, p. 97), a paisagem revela a realidade do espaço em determinado momento do processo. Sendo assim, a paisagem é tudo aquilo que nossos olhos conseguem ver, dependente de ser bonito ou não, sujo ou lindo, com cheiro agradável ou não, tudo que enxergamos é uma paisagem. Para se certificar se no processo de alfabetização os alunos construíram o conceito de paisagem, propomos uma atividade que consistiu em questões direcionadas a paisagem natural e cultural, no intuito de obter uma resposta crítica em relação ao domínio da sociedade sobre os efeitos de transformação e construção no espaço geográfico (figura1). Ao explicar sobre esta atividade, pude perceber que, de fato, os alunos tanto do 4º ano quanto do 5º ano, não sabem explicar, comentar sobre a paisagem, eles subentendesse que este conceito esta relacionado com o que é bonito e o que não tiver dentro deste padrão “bonito”, não é considerado paisagem.

<p>1- O que encontramos em uma paisagem natural?</p> <p>R: _____</p> <p>2- O que encontramos em uma paisagem transformada ou artificial ?</p> <p>R: _____</p> <p>2- Explique como o homem e a natureza modificam a paisagem:</p> <p>a)Homem _____</p> <p>b)Natureza _____</p>

FIGURA 1: Atividade relacionada ao conceito de paisagem

- *Orientação geográfica*

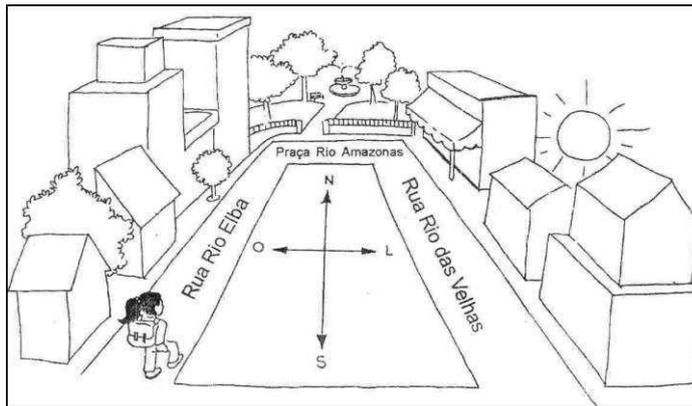
Segundo Castrogiovanni (2000, p.30),

(...) a construção das noções espaciais está relacionada com o processo de descentração. As noções, relações e coordenações espaciais são construídas inicialmente através da tomada de consciência do corpo (objeto referencial) pelo indivíduo (sujeito).

O referido autor ainda destaca que orientação é uma categoria fundamental para a ciência geográfica, pois estabelece pontos diferenciais para que os elementos formadores do espaço possam ser situados, encontrados facilmente. Podemos compreender que o processo de orientação se forma a partir do conhecimento de noções espaciais topológicas elementares e projetivas da criança, através do seu saber sobre posições, à direita, à esquerda, à frente e atrás, ou seja, da sua lateralização, da lateralização do outro e da lateralização do espaço. Estes são os primeiros pontos de orientação que eles vão conhecer, cabe ao professor ajudar a construir essas noções e transpô-las para a orientação geográfica. Dessa forma, o aluno construirá e saberá compreender os sentidos de orientação e localização como norte, sul, leste e oeste, sem apresentar problemas insolúveis; além de se estabelecer como indivíduo desse espaço, tendo e formando noções sobre ele. Diante disso, foi elaborada uma questão relacionada com o conhecimento dos alunos das séries iniciais do Fundamental I sobre orientação no espaço geográfico (figura 2), visando o entendimento deles sobre os pontos de referência e localização espacial.

Ao analisar a atividade, foi percebido que a minoria dos alunos acertou totalmente a questão, aqueles que erram não souberam distinguir a diferença dos pontos cardeais para as regiões do Brasil, ou seja, eles trocam os nomes além de não saberem onde é o leste, oeste, norte e sul, não tendo noção qual a orientação fica cada ponto desses. Sendo assim, é perceptível as dificuldades em relação às direções de orientação geográfica.

3- Observe o desenho em relação ao nascer do sol:



Responda:

a) A letra N significa o que?

b) A letra O significa o que?

c) A letra L significa o que?

d) A letra S significa o que?

FIGURA 2: Atividade relacionada à orientação geográfica

- *Região e lugar*

Segundo Santos (*apud* BRITO, 2010, p. 102)

[A] região é concebida, em princípio, como funcional em relação ao modo de produção global, que dá sentido à sua realidade interna. Isso não significa que cada região não tenha suas particularidades. Pelo contrário, no desenvolvimento de sua obra, Milton Santos chega ao conceito de lugar, que abrange tanto um espaço de determinações externas quanto um espaço de solidariedade, de vivências internas. Região e lugar se identificam na cidade, onde há o encontro e o desencontro de múltiplos vetores da modernidade, no teatro das ações humanas. Desse modo, na cidade, Milton Santos se encontra com a dialética do global e do local, com a totalidade das relações socioespaciais construída no movimento que não omite a relevância das particularidades do lugar ou da região.

4.4 AVALIAÇÃO DE EXERCÍCIO

Segundo Farias (2014, p. 80-82),

A alfabetização nos anos iniciais do ensino deve possibilitar, ao educando, aprender a ler o mundo. Com efeito, ler o mundo é ler o espaço geográfico, as paisagens, as lógicas políticas, econômicas e culturais que dão formas aos territórios em suas diversas escalas, as estruturas e diferenças dos lugares e das regiões.

Sendo assim, ao construir a leitura do mundo com todas as suas características, possibilita a interpretação e a interação com conceitos geográficos e, ao ser articulados com a realidade do aluno, faz com que a indiferença com o desconhecido se torne menor, ajudando de tal forma, que desperta a curiosidade do aluno para estudá-lo, fazendo com que as coisas fiquem mais fáceis na construção de ensino/aprendizagem.

A função alfabetizadora da Geografia na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental deve se traduzir no domínio de instrumentos conceituais e metodológicos que auxiliam as crianças a construir um raciocínio geográfico (FARIAS, 2014, p. 84).

São nos primeiros anos de escola que as crianças formam um laço com os estudos, devido a isso é necessário que o professor fortifique o estudo de geografia nessas séries, é importante que o professor, em primeira instância, se alfabetize geograficamente e saiba do valor da Geografia no processo de alfabetização ampla do aluno, conhecendo os conceitos, os fenômenos da natureza, lendo e compreendendo um mapa e as mudanças do espaço de uma forma geral, uma vez que o espaço geográfico está em constante transformação. Uma vez que o professor compreende esses elementos geográficos e saiba valorizar essa disciplina como ferramenta de alfabetização, ficará muito mais fácil ensiná-los aos alunos e possibilitar-lhes a compreender e utilizá-la como ferramenta para leitura das coisas da vida.

Nas aulas de geográficas do Fundamental I, nas quais fizemos observações, ficou muito claro a falta de elementos geográficos dentro da sala de aula, como mapas, figuras geográficas, globo e também a falta dos mesmos nas próprias aulas de geografia. Isso dificulta muito a aprendizagem dos alunos, uma vez que eles não têm convívio com estes elementos que ajudam a compreender os temas estudados. Como o aluno pode entender cartografia, se nas aulas não se tem um mapa? Como explicar os elementos fundamentais na elaboração de um mapa, se o professor não apresenta o objeto principal ao aluno? São acontecimentos como esse que dificultam o entender dos alunos no estudo de geografia, fazendo com ele tenha dificuldades nas séries posteriores do Fundamental II, séries estas que exigem muito mais da geografia e uma vez que não se tem os alicerces bem estabelecidos às dificuldades para seu ensino continuam persistindo nessa etapa da vida escolar do educando. Portanto, cabe ao professor se comprometer a alfabetizar seu aluno geograficamente e, para isso, se torna necessário o conhecimento do professor sobre aquilo que ensina.

Ao aplicar as atividades pudemos perceber o comportamento dos alunos ao responder as questões, grande parte da turma não conseguia interpretar as perguntas e, constantemente, nos pedia ajuda para assim conseguir responder. Questões simples como, “quantas regiões tem o Brasil? O nome das regiões? O significado das letras dos pontos cardeais e até mesmo a descrição de uma paisagem natural e cultural”, tornaram-se exercícios difíceis para alguns alunos que, ao responder, colocavam respostas incoerentes com o contexto geográfico ou mesmo nem se arriscavam a dar uma resposta, colocando que não sabia ou até mesmo deixando em branco.

Para uma melhor compreensão dos resultados alcançados com as atividades, podemos observar os gráficos abaixo.

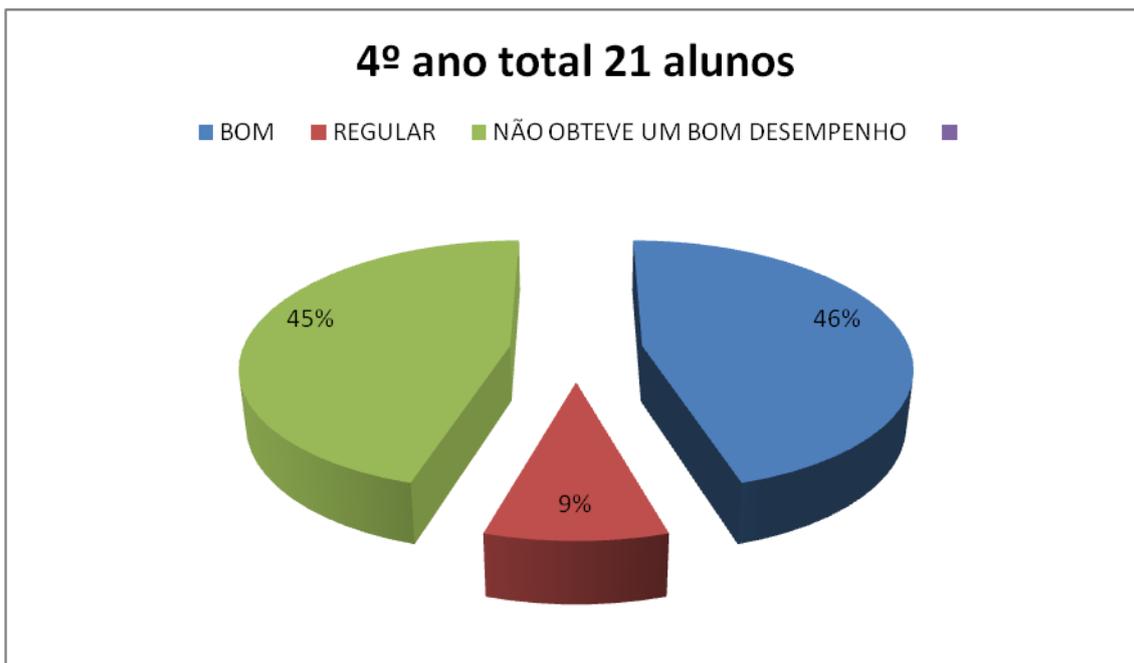


Gráfico 1: Rendimento da aprendizagem dos exercícios aplicados com os alunos do 4º ano.



Gráfico 2: Rendimento da aprendizagem dos exercícios aplicados com os alunos do 5º ano.

Analisando os dois gráficos, percebemos que as diferenças de desempenho positivo⁴ entre as duas turmas não chegou aos 50% de acerto para as atividades propostas (4º ano foi 46% e o 5º ano 27%). Por outro lado, verificamos que nas duas turmas a porcentagem referente ao desempenho regular⁵ (4º ano foi de 9% e o 5º ano de 32%) e o que não obtiveram resultados satisfatórios⁶ (4ºano foi de 45% e o 5º ano foi de 41%).

Ao analisar o desempenho das duas turmas, foi perceptível um melhor desenvolvimento da turma de 4º ano em relação ao 5º ano. O que levanta questões que não podem ser respondidas por essa pesquisa, uma vez que seria necessário entender a dinâmica do processo ensino/aprendizagem em geografia de maneira mais profunda. Porém, o grau de dificuldade por parte dos alunos em ambas as turmas foi notável, pois ambas apresentaram grande dificuldades de interpretação de imagens e falta de domínio de noções e conceitos elementares da geografia. Assim, podemos constatar que realmente existe uma deficiência ou que esses conceitos e habilidades não foram construídos num processo de alfabetização geográfica dessas crianças.

⁴ O rendimento bom consistiu na resposta para as atividades propostas que apresentou um único erro.

⁵ Desempenho regular referente à quantidade de erros maiores que os acertos.

⁶ Resultados não satisfatórios referente às atividades que não obtiveram nenhuma resposta correta.

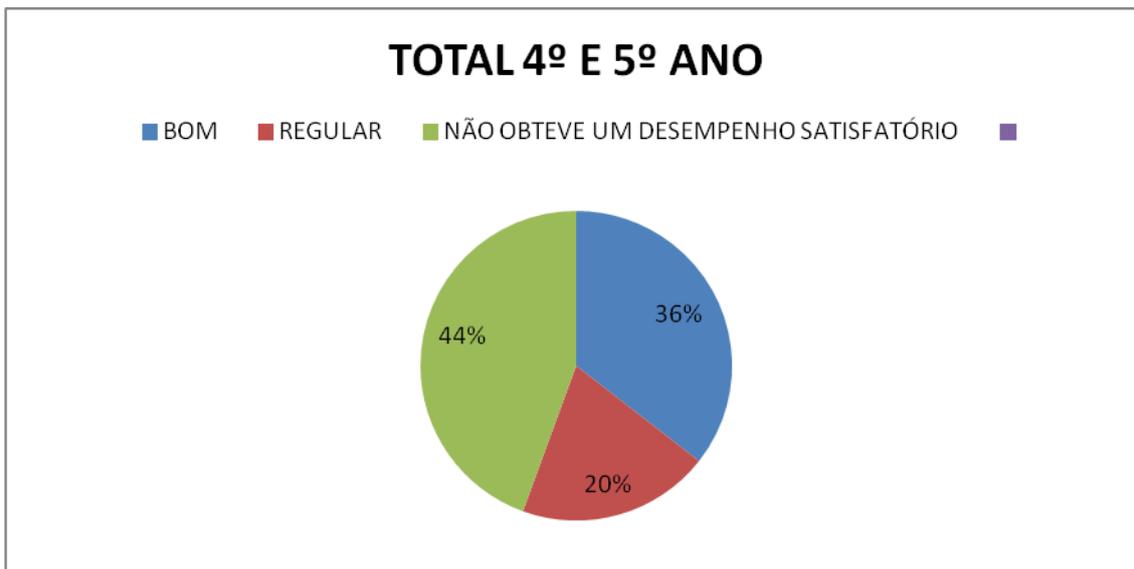


Gráfico 3: Rendimento da aprendizagem dos exercícios aplicados com os alunos do 4^o e 5^o anos.

Portanto, ao totalizar o percentual de desenvolvimento das duas turmas, percebemos a diferença muito maior ao comparar a porcentagem dos que tiveram um bom desempenho com os que não conseguiram ter um desempenho bom. Ao analisar o gráfico, que demonstra os resultados de aplicação das atividades nas duas turmas, percebemos que existem dificuldades na aprendizagem em geografia, levando em consideração que os exercícios foram extremamente simples, e mesmo assim, a maioria não conseguiu efetivamente ter um bom desempenho. Surge então a preocupação com o desenvolvimento destes alunos, não só em relação ao nível da aprendizagem escolar, mas também com a postura social como cidadão, uma vez, que a Geografia, como já foi bastante evidenciado neste trabalho, constitui-se como um importante instrumento para a leitura crítica da sociedade e do espaço, notadamente o vivido pelos sujeitos. Percebemos então uma carência de Geografia no cotidiano escolar mais aplicada à leitura do cotidiano. Torna-se necessário enfatizar que essas dificuldades que estão presentes nos dias atuais correm o risco de se aumentar e dificultar o futuro de muita gente. Não se pode manter o ensino de geografia como algo sem propósito, no qual o principal objetivo é completar a carga horária que o currículo escolar exige.

Além disso, o professor que atua nas séries iniciais do Fundamental I deve ter uma preocupação específica de como lidar com as crianças no dia a dia e em situações especiais. Ao se tratar de alunos que vão ingressar em um novo convívio escolar que é justamente o Fundamental II, no qual, vai encontrar situações diferentes e inesperadas em relação às demais fases escolares, e, para isso, é necessário uma maior atenção em todos os conteúdos dados em sala de aula, especialmente aqueles mais esquecidos, como por exemplo, o ensino de geografia.

É positivo que o professor tenha algumas atitudes, estratégias e comportamentos que favoreçam uma melhor aceitação e desenvolvimento dos alunos no ambiente escolar e até mesmo no seu dia a dia, podendo, inclusive, colocar em prática certos conhecimentos adquiridos, fazendo que assim os alunos não tenham o receio de participar das aulas, tirar dúvidas, se tornar um pesquisador e, portanto, ter sempre a vontade de apreender e expor aquilo que sabe. O que não se pode é o professor se tornar conformado com a situação de sua sala de aula, principalmente quando o quadro de aprendizagem de seus alunos não está apresentando qualidade, como por exemplo, como evidenciam os dados que foram mostrados acima. Muitas vezes escutamos alguns professores comentando o desempenho de suas turmas, mais esquecem também que é o seu desempenho, com sua metodologia, seus planos de aulas e estratégias pedagógicas que vão conduzir o desempenho de sua turma. Quando é notado que o rendimento dos alunos não está sendo alcançado é hora de recomeçar e partir para um novo plano, o que não se pode é se acomodar diante de algumas dificuldades.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível a dificuldade do aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental no que se refere ao domínio de noções e procedimentos básicos que caracterizam a alfabetização espacial, notadamente nas séries investigadas nessa pesquisa. Esse fato pode dificultar a compreensão da geografia desse aluno nas séries finais do Ensino Fundamental II. Além disso, o que é o mais problemático, pode dificultar a compreensão do mundo por ele, o que pode limitar a construção de sua cidadania. Isso resulta, como constatamos, da falta de valorização, pelo professor, da alfabetização espacial como uma das funções fundamentais das séries iniciais. Além disso, a falta de domínio dos conceitos e procedimentos dessa ciência por parte de seus professores, também colabora para produzir essa situação.

Assim, é necessário que o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental redefina a sua concepção de alfabetização e atente para a importância que a dimensão espacial oferece na formação dos alunos em sua integralidade. Para isso, é fundamental que se dedique a trabalhar os conceitos, procedimentos e atitudes que serão fundamentais para o estudo da Geografia no decorrer do ensino escolar.

Além disso, o professor deve partir do auxílio de metodologias e instrumentos didáticos que possibilitem a melhor representação da realidade do aluno. O professor pode fazer uso da metodologia do estudo do meio para abordar o espaço vivido dos alunos, dimensão que deve organizar o ensino/aprendizagem da geografia nos anos iniciais. Além disso, pode utilizar o globo, para representar a Terra, seus movimentos, suas zonas climáticas etc; o mapa, para representar o espaço vivido pelo aluno e demais espaços; a bússola e até mesmo o GPS, caso tenha disponível, como instrumento de orientação; fotografias presentes e antigas para trabalhar com as paisagens e suas transformações; jornais, para ajudar o aluno a compreender os eventos da atualidade e a manifestação espacial dos mesmos; entre outros elementos presentes no dia a dia do aluno.

Desta forma, o estudo deixa de ser uma obrigação e passa a ser agradável e mais próximo da vivência do aluno. Para ter um alcance de sucesso no conhecimento da geografia por parte do aluno das séries iniciais e, conseqüentemente, um bom desempenho nas demais séries do Fundamental II, faz-se necessário uma alfabetização geográfica de qualidade por parte dos professores, mesmo não tendo a formação específica em Geografia. Para isso é necessário uma maior atenção por parte das Secretárias de Educação dos Municípios, proporcionando aos professores cursos de formação nos estudos geográficos, desta maneira, melhorando a sua alfabetização geográfica alfabetizando e proporcionando uma melhor forma de trabalho nas escolas, desse modo, auxiliando a alfabetização geografia dos seus alunos.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti, **Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 24 jun. 2014.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano** – Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-131.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano** – Porto Alegre: Mediação, 2000. p.11- 79.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. In: A formação do professor de Geografia para a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Macário de. (Org.). **A formação docente em geografia: teorias e práticas** – Campina Grande: EDUEFG, 2014, p.77- 86.

SANTOS, José Milton Alves dos. **Introdução do Ensino da Geografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental (1º e 2º anos)**. Brasília, 2012. Monografia de Final De Curso - Universidade De Brasília, 2012.

SILVA, Maria Rejane Da. **O Ensino-Aprendizagem Das Categorias Geográficas Nas Séries Iniciais Do Ensino Fundamental: no Município De Riacho das Almas-PE**. João Pessoa, 2010. Dissertação (Mestre em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, 2010.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais** – São Paulo: Annablume, 2004. 190p.

VI ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA: FALA PROFESSOR, 05, 2007, Minas Gerais. **O Ensino de Geografia nas Séries Iniciais: uma proposta e os seus desafios**. Minas Gerais: UFU, 2007. 9p.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica.** São Paulo, 2004. Dissertação (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, 2004.

ANEXO**QUESTIONÁRIO**

1. Há quanto tempo você atua na área da educação infantil?
2. Por que ser professora? E por que a escolha pela educação infantil?
3. Quantas vezes por semana, você leciona o ensino em geografia?
4. O que você entende por Geografia?
5. Qual a importância desta disciplina para a aprendizagem e alfabetização do aluno?
6. A geografia tem função alfabetizadora? Por quê?
7. Como você desenvolve o processo de alfabetização geográfica dos seus alunos?
8. É importante alfabetizar geograficamente a criança?
9. Qual o lugar dos conceitos nessa alfabetização geográfica?
10. Relacionar as experiências dos alunos com os conceitos geográficos é importante? Por quê?
11. E a linguagem cartográfica, como é desenvolvida em sala de aula?
12. Como você desenvolve e organiza o processo de alfabetização geográfica dos seus alunos?
13. Alagoa Nova é abordada nesse processo? Como?
14. Você considera que a alfabetização geográfica é importante para o desenvolvimento do aluno para a sociedade? Por quê?

Anexo 1- Questionário de entrevista para as professoras.

